

O PAPEL DOCENTE NO COTIDIANO ESCOLAR

Edenise Andrade da Silva
Universidade Federal da Santa Maria
andradeede@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho pretende abordar alguns problemas básicos que se dão no contexto escolar, tais como, aprendizagem, professor, instituição, alunos, e ensino de filosofia, a partir da leitura do livro de Guillermo Obiols intitulado Uma Introdução ao ensino de Filosofia. Diante dos problemas do atual sistema de ensino de modo concreto, não podemos pensar que a construção do conhecimento é entendida como individual. O conhecimento é produto da atividade realizada no conjunto escolar, e o papel do professor consiste em agir de modo intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva. A aprendizagem escolar também considerada como um processo natural é algo que resulta de uma complexa atividade mental, na qual o pensamento, a percepção, as emoções, a memória, a motricidade e os conhecimentos prévios estão envolvidos e onde a criança deva sentir o prazer em aprender. Sabe-se que a tarefa de educar é árdua e que para que a satisfação seja alcançada é necessário, muitas vezes, que o professor e os alunos se transformem em atores. Digo isto por que assim como os atores, os professores devem ter a capacidade, não obstante, mas também de criar, de recriar, de repetir, de apresentar, etc., e os alunos devem auxiliar seus mestres nesta tarefa, pois desse modo, se formará uma rede de ensino que interligará os saberes docentes e discentes. No que diz respeito ao ensino de filosofia, parece que os desafios são um tanto quanto maiores do que os vivenciados em outras disciplinas. Evidentemente que isso se deve ao fato da exclusão da disciplina dos currículos escolares ao longo dos anos. Conforme as Orientações Curriculares “a filosofia cumpre, afinal, um papel formador, articulando noções de modo bem mais duradouro” (Conhecimentos de filosofia, p.17). A verdade é que não se sabe como articular essas noções, ademais torna-se necessário uma avaliação do contexto social no qual o aluno, a escola e os professores se inserem, afim de que todos estes elementos possam interagir. Mas como seria possível realizar esta tarefa? Sem dúvida, isso parecia muito difícil num contexto da educação, no qual a interação entre professores e alunos e sociedade constitui um dos maiores problemas do atual sistema de ensino. Se, para realizar uma aula tradicional, na qual os conteúdos, a metodologia e a forma de avaliação são apresentados pelo professor, os alunos reagem com indiferença ao estudo, certamente essa abertura à possibilidade de envolvimento do grupo de alunos, acostumado a receber informações prontas, a participar na elaboração da proposta de uma disciplina escolar, seria um grande desafio. Ao mesmo tempo, compreendíamos essa iniciativa como um elemento importante para a motivação do grupo de alunos, visto que, se o trabalho desenvolvido partisse da construção coletiva, haveria um maior comprometimento com a disciplina e, em consequência, um melhor desenvolvimento das atividades. Muitas das preocupações levantadas no início de uma experiência educativa continuam presentes, mesmo após a sua conclusão. Na disciplina de Filosofia trabalhamos intensamente com a subjetividade dos alunos e a objetividade das ciências

dificilmente pôde ser pautada enquanto experiência, visto que as reflexões filosóficas não se propõem a meramente responder questões. A preocupação da filosofia está centrada no aprender a pensar criticamente e, para isso, se propõe a questionar, perguntar e problematizar. Para despertar o interesse pela filosofia nos alunos devemos entender que a metodologia que vai ser utilizada pode se tornar um fator decisivo para obtermos sucesso. A preocupação com o desenvolvimento de aulas atrativas é fundamental a um público constituído majoritariamente por adolescentes, mas isso não se refere simplesmente ao uso de recursos didáticos. É muito importante a motivação do professor para que a discussão possa ser mais intensificada e conduzida, de fato, a um nível filosófico. Ainda, quanto ao professor, é necessária a sua identificação com a turma. Em outras palavras, poderíamos dizer que é necessário “tornar-se um integrante do grupo” ou “ser visto como um deles”. Por isso, deve-se entender que a postura do professor em relação a cada aluno e à turma, é, em boa parte, determinante num processo de construção do conhecimento. A confiança da turma no professor contribui para a explicitação de muitos problemas no relacionamento e a predisposição em manter um ambiente de motivação para o estudo e o debate crítico. A pretensão deste artigo, originado muito mais de dúvidas do que de certezas, não é responder a essas questões, mas refletir sobre elas, levantando questionamentos para submetê-los à discussão, para que se pensem possibilidades e perspectivas para a filosofia na escola, especialmente no que diz respeito a como e o que ensinar.

Palavras-chave: professor, aluno, escola